

## IGREJA EM SAÍDA E DOS POBRES COMO NOTA ECLESIOLÓGICA

Marcos Bruno Fernandes<sup>23</sup>  
Miqueias Ícaro de Oliveira<sup>24</sup>

### RESUMO

O objetivo desse estudo é apresentar, a partir da *Evangelii Gaudium*, as características da eclesiologia de Papa Francisco como propriedades essenciais da Igreja. As tarefas de uma Igreja em saída, pobre e para os pobres não seriam, hipoteticamente, apenas características eclesiológicas do magistério de Francisco, mas notas eclesiológicas. Para tanto o trabalho divide-se em dois momentos: o primeiro momento, a tarefa de uma Igreja em saída com suas devidas implicações, segundo propõe o Papa Francisco. O segundo apresenta a Igreja em saída como expressão de identificação com Jesus e seu ministério, portanto, expressão de uma Igreja pobre e para os pobres, uma Igreja de serviço e lugar de acolhida para os pobres. Nessa perspectiva, mostrar-se-á que ser uma Igreja em saída, pobre e decididamente comprometida com o serviço do Reino cujos primeiros a terem parte são os pobres, é expressão da radicalidade e configuração evangélica da Igreja com Jesus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eclesiologia. Povo de Deus. Igreja em saída. Igreja pobre.

### 1 INTRODUÇÃO

Quando pensamos as características essenciais da Igreja, indubitavelmente nos vem à mente as notas que sobre a unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade que, há milênios foram definidas pela Tradição cristã e por ela e vêm sendo transmitidas. O mistério da Santíssima Trindade, revelado por Jesus, é o centro da fé e da vida cristã e fundamento para definição das propriedades fundamentais da Igreja. Por esta razão, a Igreja, Povo congregado na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é, Una, Santa, Católica e Apostólica.

O Concílio do Vaticano II, na sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium* – “Luz das Nações” - desperta-nos para o “essencial” de sermos Igreja Povo de Deus e não menos

<sup>23</sup> Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Graduando em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN.

<sup>24</sup> Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Graduando em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN.

que expressão da comunhão trinitária, fonte originária da Igreja. A comunhão no horizonte da Igreja, Povo de Deus, tem como fundamento a vida do próprio Deus Trindade. A comunidade que não tiver como base ou fundamento a Santíssima Trindade dificilmente viverá o sentido do que é, de fato, uma comunidade eclesial.

Papa Francisco, nascido Jorge Mario Bergoglio, sucedendo ao Papa Bento XVI, que abdicou do papado a 28 de fevereiro de 2013, assume em seu pontificado as intuições de renovação da Igreja deixadas pelo Vaticano II. Dentre essas intuições, ganha relevo a identidade de uma Igreja Povo de Deus, em saída, pobre e para os pobres. *Evangelii Gaudium* ou Alegria do Evangelho, é a primeira Exortação Apostólica escrita pelo Papa Francisco. Nela estão colocadas, por assim dizer, as bases de sua eclesiologia.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa consiste em refletir acerca de duas afirmações do Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* como características de sua eclesiologia e, mais do que isso, procurar entender essas duas características não apenas como algo específico de um magistério pontifício, mas como notas eclesiológicas. Trata-se, portanto, de procurar entender as tarefas de “uma Igreja em saída, pobre e para os pobres” como propriedades essenciais da Igreja.

Para tanto, o trabalho está dividido em dois momentos interdependentes. O primeiro momento apresenta a tarefa de uma Igreja em saída com suas devidas implicações, segundo propõe o Papa Francisco. No segundo momento, falaremos sobre uma Igreja em saída como expressão de identificação com Jesus e seu ministério, portanto, expressão de uma Igreja pobre e para os pobres, uma Igreja de serviço e lugar de acolhida para os pobres.

Não se trata aqui de oferecer uma reflexão que tem a finalidade de contrapor o ensinamento tradicional da Igreja sobre suas notas e propriedades essenciais. Trata-se de uma hermenêutica ensaística acerca do magistério de Francisco na *Evangelii Gaudium* que pode, quiçá, suscitar novas questões que possam enriquecer o ensinamento acerca das características essenciais da Igreja, com uma linguagem menos filosóficas e mais eclesiológica.

## 2 “IGREJA EM SAÍDA” E SUAS DEVIDAS IMPLICAÇÕES

Francisco foi eleito Papa no dia 13 de março de 2013. A escolha do nome “Francisco” como referência a São Francisco de Assis irmão dos pobres, é indicativo do compromisso que o Papa eleito teria para com a Igreja e do modo como desejaria, guiado pelo Espírito, conduzir a Igreja na sua tarefa de continuadora da missão de Jesus no mundo. Não se trata de um “novo Francisco” (agora em Roma), mas de uma Igreja pobre, irmã dos pobres, serva dos pobres, identificada com os pobres como o foi Jesus em sua vida pública e à luz do exemplo de São Francisco de Assis que soube viver, com coerência e radicalidade, a pobreza evangélica.

O Papa Francisco começa a governar a Igreja com características muito fortes. De um lado, a partir dessa identificação com o pobre e, por isso, o desejo de “uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198). Nisso assume a perspectiva do Papa João XXIII que, ao convocar o Concílio Ecumênico Vaticano II, desejaria “uma Igreja dos pobres para ser a Igreja de todos” (JOÃO XXIII *apud* CHENU, 1977, p. 73).

Por outro lado, Francisco pretende conduzir a Igreja partir da tarefa de uma dinâmica de saída. A ação “sair” faz parte da dinâmica do ministério público de Jesus e após a sua morte se torna, por assim dizer, uma característica determinante na comunidade dos seus discípulos: seja pela tarefa de anúncio do Reino a todos e indistintamente, seja pela abertura ao outro como consequência da dinâmica de quem sai disposto a construir, com esse gesto, a “cultura do encontro” (EG 220).

A Igreja em saída é um modo de dizer que precisamos sair, primeiro de si mesmo das nossas zonas de conforto, dos nossos comodismos, para depois sair ao encontro das pessoas, ir às periferias humanas, existenciais e sociais presentes em nossas comunidades eclesiais, ir ao encontro das realidades onde ainda prevalece de forma criminosa a fabricação de pobres e empobrecidos, olhar com urgência as necessidades das pessoas e agir de modo responsável e correspondente.

Sair é renunciar ao comodismo das sacristias para contemplar as realidades que existem debaixo dos nossos olhos e, muitas vezes, não queremos ver por que é mais fácil olhar para as coisas superficiais, afinal, elas não nos incomodam e não reivindicam de

nós uma atitude ou ação de transformação. Contra esse tipo de comportamento, escreve Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*:

[...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida, enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos. (EG 49)

Esse ensinamento do Papa é muito importante porque, além de tudo o que dissemos, indica que a “saída” é também em direção às dores dos que sofrem. A Igreja precisa ouvir as dores das pessoas e trabalhar pastoralmente para que as pessoas e comunidades, fortalecidas à luz da Palavra, possam sentir a proximidade e identificação do Cristo sofredor que viver e sofre também as suas dores e que inspira todos e cada um a enfrentar com coragem os infortúnios de cada dia. Uma Igreja em saída é também uma Igreja samaritana, serva, capaz de se “sujar” com o sangue dos que estão feridos às margens das estradas da vida a fim de restituir-lhes a vida.

Daí a importância de que Igreja, de certa forma, repense toda a sua estrutura formativa, desde a catequese às casas de formação para a vida consagrada e religiosa e os ministérios ordenados. É reorientando a formação cristã que todos os batizados, portanto, todo o povo de Deus será redirecionado para a dinâmica de uma Igreja em saída, sensível às vozes sofridas do povo, disposta a ir ao encontro de todos e, ao mesmo tempo, de portas abertas para acolher todos e todas. Noutras palavras, essa proposta do Papa implica redirecionar em horizontes mais largos a dimensão missionária da Igreja.

A proposta de uma Igreja em saída está, nesse sentido, em comunhão íntima com a dinâmica missionária da Igreja. A propósito, é um convite a uma “nova práxis” eclesial, afinal, conforme escreve Francisco, “não se pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma ‘simples administração’. [Daí o convite do Papa para que] constituamo-nos em ‘estado permanente de missão’, em todas as regiões da terra” (EG 25). Missão que, segundo ensina Papa Francisco, deve ser nutrida perenemente à luz da Palavra do Evangelho, fonte de vida e de alegria para as comunidades eclesiais missionárias.

A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária. Experimentam-na os setenta e dois discípulos, que voltam da missão cheios de alegria (cf. *Lc* 10,17). Vive-a Jesus, que exulta de alegria no Espírito Santo e louva o Pai, porque a sua revelação chega aos pobres e aos pequeninos (cf. *Lc* 10,21). Sentem-na, cheios de admiração, os primeiros que se convertem no Pentecostes, ao ouvir «cada um na sua própria língua» (*Act* 2,6) a pregação dos Apóstolos. Esta alegria é um sinal de que o Evangelho foi anunciado e está a frutificar. Mas contém sempre a dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além. O Senhor diz: «Vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, a fim de pregar aí, pois foi para isso que Eu vim» (*Mc* 1, 38). Ele, depois de lançar a semente num lugar, não se demora lá a explicar melhor ou a cumprir novos sinais, mas o Espírito leva-O a partir para outras aldeias (EG 21).

Como se percebe, o Papa Francisco descreve a alegria como uma característica da Igreja em saída ou missionária. Essa alegria que enche o coração dos discípulos e das discípulas que com disposição saem de si mesmos para irem às realidades de missão, é fruto de um encontro pessoal e “copernicano” com o próprio Jesus. Quem faz esse encontro pessoal com Jesus sai dele transformado radicalmente e disposto a comunicá-lo a todas as pessoas com alegria e espírito de serviço.

Essa intuição do Papa potencializa o renascimento na Igreja de uma nova experiência de fé cristã missionária, fundamentada no evangelho, e comprometida com a tarefa de que a mensagem da salvação chegue a todos, sem exclusão. Entretanto, convém ressaltar que Papa Francisco não propõe uma nova Igreja, mas seguramente “[...] um modo novo de ver a Igreja, que deve levar [consequentemente] a um novo modelo eclesial [de modo que] todo o Povo de Deus participe da vida da Igreja: homens, mulheres, leigos e clérigos, jovens e velhos” (KASPER, 2015, p. 56-57).

Sendo assim, por um lado, a Igreja deve adotar iniciativas de evangelização para que a mensagem da salvação possa chegar a todas as pessoas. Por outro lado, nesse novo modelo eclesial, é preciso e urgente que todos e todas façam a sua parte como batizados e batizadas. No que toca à responsabilidade da Igreja, o pontificado de Francisco tem mostrado com clareza as direções a partir de onde se deve realizar a missão: as periferias existenciais, o pobre como sujeito social e seu lugar social.

Da parte dos missionários e missionárias discípulos e discípulas do Senhor cabe acolher a proposta do Papa realizar a missão com espírito de serviço e longe da auto-referencialidade, afinal, a missão não é nossa, é missão da Igreja que, por sua vez, a recebeu do próprio Jesus. Somos colaboradores da missão de Jesus que foi confiada a Igreja.

Abraçar a proposta de uma Igreja em saída significa estar disposto a ser colaborador da missão de Jesus mesmo que o esforço pessoal não seja reconhecido. O mais importante não o esforço pessoal (que conta muito), mas ser continuador da alegria que irradia do encontro pessoal com Jesus que se converte em amizade, confiança e compromisso. Além disso, por meio desse encontro,

[...] somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade [e como diz o Papa] Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros? (EG 8).

Francisco ressalta que “sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa sair pelo mundo sem direção nem sentido” (EG 46). Nesse sentido, convém observar que Igreja em saída é, antes, na visão do papa Francisco, um convite à passagem de uma Igreja autorreferencial, centrada em si mesma, a uma Igreja aberta ao outro, afinal “[...] quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem” (EG 9). Isso significa dizer que uma Igreja em saída, com palavras de Velasco, “não é um ‘para si’, mas um ‘para os outros’” (VELASCO, 1996, p. 429).

### **3 IGREJA POBRE A SERVIÇO DOS POBRES: FUNDAMENTO E TAREFAS**

Neste ponto faremos um esforço para compreender o porquê da opção de uma Igreja pobre e a serviço dos pobres. Como já foi dito inicialmente, não é possível compreender essa opção e menos ainda a tarefa de uma Igreja em saída sem olhar para o ministério público de Jesus de Nazaré, o Cristo Salvador. Os Evangelhos narram o

testemunho de fé do movimento iniciado por Jesus e continuado por seus discípulos, sinalizando que toda a trajetória de Jesus foi marcada por uma dedicação preferencial aos pobres e excluídos.

O próprio nascimento de Jesus indica, por assim dizer, certa parcialidade de Deus. A jovem escolhida para ser a mãe de Jesus é de Nazaré da Galileia. Era uma jovem simples, pobre como todos os que viviam naquela região mal vista pelos judeus (cf. Jo 1,46) devido sua pouca ortodoxia. O pai de Jesus era um trabalhador comum, um carpinteiro. O relato do nascimento de Jesus é também particular: não tinha hospedaria, não tinha abrigo, não tinha hospital, lhe serviu para nascimento o lugar onde dormem os animais.

Em que pese, olhando para esses elementos, parece que não é suficiente apenas dizer que “Deus decide armar sua morada em meio aos homens”. É preciso acrescentar, com igual convicção, “Deus decide armar sua morada em meio aos homens, a começar pelos últimos”. Sendo Ele Deus, escolhe não apenas o lugar geográfico e social dos últimos para se autocomunicar, mas se autocomunica também como último, como pobre. Por esta razão, Dom Pedro Casaldáliga diz que o Verbo de Deus se faz carne e ao mesmo tempo se fez classe.

[...] a encarnação marca definitivamente a vida dos seres humanos, pois a Palavra se apresenta em pessoa, toma “carne” (en-carna-ção), se faz gente, coloca sua “tenda” no meio de nós, torna-se um de nós (cf. Fl 2,6-9), como “imagem visível” de Deus invisível (Cl 1,15), como “expressão de seu ser” (Hb 1,3): “No ventre de Maria, Deus se fez homem, Mas na oficina de José Deus também se fez classe” (FERRARO, 2000, documento não paginado).

A vinda e vida de Jesus identifica, dessa forma, não apenas a parcialidade de Deus pelos pobres, mas o próprio Jesus como sujeito pobre e no lugar social dos pobres. Daí que o seu ministério público se realiza como movimento marginal pautado no anúncio do Reino que é, antes de tudo, “[...] uma boa notícia diretamente para os pobres” (VELASCO, 1996, p. 28), porque implica a inauguração escatológica de uma nova forma de vida, uma nova de sociedade baseada nos valores da fraternidade, partilha, convivência e comunhão.

A opção não era apenas pelos pobres e seu lugar social, era também por ser pobre. A propósito, seguindo o programa das bem-aventuranças de Mateus, pode-se dizer que para entrar na dinâmica do movimento de Jesus é necessário fazer uma opção fundamental: escolher ser pobre. Rufino Velasco (1996, p. 30) traduz essa opção básica fundamental de Mt 5,3 com as seguintes palavras: “Felizes os que escolhem ser pobres, porque eles têm a Deus por rei”.

Não obstante, o episódio do encontro do jovem rico com Jesus narrado no Evangelho de Mt 10,17s corrobora com a tese de que “escolher ser pobre” é critério fundamental para o seguimento a Jesus. Não é uma obrigação, é uma escolha: “[...] opta-se por ser pobre para optar pelos pobres, pela libertação dos pobres que é uma exigência do Reino de Deus que vem” (VELASCO, 1996, p. 31). Dessa opção fundamental colocada por Jesus nas bem-aventuranças depende tanto a identidade do seu movimento como o cumprimento de sua missão na ação continuadora pela Igreja.

Depois de entendermos um pouco da opção preferencial de Jesus-pobre pelos pobres, podemos entender melhor o porquê de uma Igreja que deve estar a serviço dos pobres como tão bem expressa Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*: “[...] desejo uma Igreja pobre, para os pobres” (EG 198). Fazer a opção pelos pobres é um ato de amor radicalizado no Evangelho, na vida e na práxis de Jesus. Não podemos nos furtar dessa responsabilidade sob o risco e/ou a covardia de sermos acusados de uma opção política. Para nós cristãos, a opção pelos pobres é radicalmente evangélica.

Por esta razão, é desejo do Papa Francisco que a Igreja, no horizonte do ministério público de Jesus e da sua opção básica, seja pobre e esteja comprometida em fazer um serviço em prol dos pobres, esteja atenta aos clamores da sociedade: a falta amor, fome, miséria, opressão, violência. Uma Igreja pobre e para os pobres é uma Igreja que caminha junto e identificada com seu povo, com suas experiências de sofrimento causado, quase sempre, por força de um sistema injusto que impera nas sociedades atuais.

A perspectiva de uma Igreja em saída se complementa não apenas com uma eclesiologia de Povo de Deus, mas igualmente e perfeitamente com a perspectiva da Igreja pobre para os pobres. Nesse sentido, todos os cristãos precisam observar as realidades de pobres e empobrecidos, se comprometerem nessas realidades, sair de suas



zonas de conforto e irem ao encontro das pessoas afastadas da vida eclesial, das que estão no mundo das drogas, nas ruas e lutar por inclusão, por liberdade de oportunidades para todos.

Na mensagem para o dia mundial dos pobres o Papa Francisco diz:

*[...] Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isso supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor dos pobres e socorrê-los. (FRANCISCO, 2018, documento não paginado)*

A fala do Papa é pela promoção dos pobres, nas comunidades, nas pastorais, nos diversos movimentos da Igreja. Integrar os pobres na sociedade é dever nosso como cristãos e como Igreja. Entretanto, é preciso ter cuidado para não criarmos estruturas de assistencialismo e/ou paternalismos que não favorecem a libertação plena do pobre, mas o torna dependente da situação de pobreza em que vive. O pobre é também ativo sujeito de sua emancipação e libertação.

Em todo caso, considerando esse modelo de Igreja proposto pelo Papa, é muito importante que fiquemos próximos aos pobres e identificados com os seus clamores e sofrimentos para buscarmos, junto às autoridades e aos poderes devidamente constituídos, políticas públicas e de responsabilidade social para socorrê-los nas suas necessidades imediatas. Afinal, considerando a necessidade imediata, para quem está com fome o que é mais importante: saciar a sua fome com pão ou questionar as causas da fome?

Daí a necessidade de que nas paróquias, desde as comunidades eclesiais missionárias mais longínquas e simples, se desenvolvam formas de ajudar os pobres em suas necessidades mais urgentes. Isso não se faz, sem antes, uma aproximação com as realidades de pobres e empobrecidos e com o compromisso de buscar soluções para suas necessidades materiais e espirituais. A propósito, é importante ressaltar que o pobre necessita não apenas de pão material, o pobre necessita também de comunhão, de ter a sua experiência de fé sentida e acolhida pela comunidade.

Precisamos cuidar da vida espiritual dos pobres. É verdade que quando damos pão a quem tem fome, de um lado, pode-se colocar em prática aquela passagem do Evangelho

em que Jesus diz: “Tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim” (Mt 25,35-36); de outro lado, o que recebe a ajuda, pode fazer a experiência com o Jesus que se revela através da solidariedade, da providência que através de tantas mãos e gestos continua saciando as fomes e a sedes de tantas pessoas no mundo.

Mas também é verdade que nenhuma dessas duas ações complementares apresentadas acima substitui ou se coloca numa relação de oposição exclusão no que diz respeito à tarefa de a Igreja cuidar mais ativamente da fé dos pobres participando de sua vida, celebrando a Eucaristia nos lugares onde estão eles estão. Às vezes, e não raras, as paróquias realizam atividades de levar comida e roupas para os pobres que estão nas praças, nas ruas etc., mas raras vezes se celebra o banquete eucarístico com eles. Em algumas realidades o presbítero sequer acompanha os leigos nessas atividades.

O que se quer dizer é que a opção pelos pobres não pode ser reduzir, como já dissemos, a atitudes caritativas e assistencialistas. O pobre é também sujeito de evangelização. A propósito, convém ressaltar que os pobres às vezes são verdadeiras escolas de evangelização. Muitos missionários e missionárias dão testemunho quer, seja nas visitas casa a casa, seja quando param na rua ou em uma praça junto aos pobres e se colocam numa atitude de escuta, colhem as mais belas e ricas lições daquilo que deles escutam.

Além disso, muitos dizem terem encontrado, sentido, experimentado o próprio Cristo nessas pessoas, em suas vidas, em suas histórias. Se dão conta que Ele (Jesus) já habitava em suas vidas, em suas casas em suas realidades. O pobre é, nesse sentido, um sujeito evangelizador. Deus continua a falar a partir dessa realidade, e como seria bom se a Igreja de hoje deixar-se evangelizar pelo pobre, aprendesse as lições que o pobre tem a ensinar.

Em suma, a Igreja pobre com os pobres e para os pobres só pode ser vivida como tal a partir de uma configuração radical com Jesus e sua práxis. Ao contrário pode converter-se em assistencialismo ou discurso demagógico. O apelo do Papa Francisco se insere, pois, no horizonte da radicalização evangélica. Entre o desejo do Papa e a realidade existe ainda um caminho a ser feito que deve ser iniciado pouco a pouco, com o trabalho

das comunidades eclesiais missionárias como células fundamentais da vida e comunhão eclesial.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa de uma Igreja em saída, pobre e para os pobres conforme propõe Papa Francisco configura a Igreja tanto com o movimento, *práxis* e pessoa de Jesus, quanto com a eclesiologia Povo de Deus do Vaticano II. O povo de Deus é um povo pobre e em saída. E isso não é algo secundário, relativo, é determinante, portanto, constitutivo da Igreja de Jesus como verdade fundamental de fé dessa Igreja.

Vimos que, desde a sua origem, a Igreja nasce com uma vocação missionária. Não é um sujeito para si mesma, mas para o outro como foi a vida e a missão de Jesus. O sair não se trata de sair sem direção, sem foco, sem objetivos: é “em saída” para ir ao encontro dos que estão caídos nas margens de uma sociedade excludente, que estão nas periferias sociais, geográficas, culturais, humanas, espirituais, existenciais e ideológicas. É em saída de si mesma, de sua autoimagem, de sua zona de conforto e, por isso, de portas abertas, acolhedora, inclusiva. Sair em direção ao outro implica a capacidade de abrir as portas e de incluí-lo.

Da mesma forma, vimos que por sua identificação com Jesus e, sobretudo, como continuadora da missão de Jesus, a Igreja não pode ser outra coisa senão pobre e decididamente comprometida com o pobre e erradicação das estruturas fabricadoras de empobrecidos em todo o mundo. Assim sendo, deve inaugurar uma série de iniciativas, a começar desde as comunidades eclesiais missionárias, que coloquem em curso uma *práxis* de libertação integral do pobre sendo ele também sujeito (não objeto) de emancipação, mudança e de evangelização. A Igreja não pode fugir da responsabilidade de ser pobre e para os pobres sem com isso trair o Evangelho e parcialidade de Deus revelada no Cristo Jesus nos enriquece com sua pobreza (cf. 2 Cor. 8,9).

Dessa forma, acreditamos ter oferecido uma leitura que possa, de modo ensaístico, contribuir na reflexão acerca das tarefas de uma Igreja em saída, pobre e para os pobres como deseja o Papa Francisco. Não apenas isso, mas procurando entender essa tarefa

como algo característico, como uma verdade de fé, portanto, nota eclesiológica da Igreja.

É bem verdade que essa pesquisa não encerra esse assunto. Ao contrário, abre novas questões para desenvolvimentos ulteriores, como por exemplo: de que modo pode-se fazer uma opção radical pelo pobre sem que essa opção não se torne excludente? Ademais, Igreja em saída e pobre seria uma “nova” nota eclesiológica além das que já existem ou de que forma se relaciona com as propriedades essenciais da Igreja definidas há séculos?

## 5 REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2016.

CHENU, Marie-Dominique. La Iglesia de los pobres en el Vaticano II. In: *Concilium*, n. 124, pp. 73-79, 1977.

DANTAS, Renan Alves. Uma Igreja pobre e para os pobres. Disponível em: <https://www.pom.org.br/uma-igreja-pobre-e-para-os-pobres-2/>. Acesso em: 02 de novembro de 2022.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem para o dia mundial dos pobres**. Disponível em: [https://diocesevaladares.com.br/mensagem-para-o-dia-mundial-dos-pobres/#:~:text=Segundo%20a%20mensagem%20do%20Papa,sociedade%E2%80%9D%20\(EG%20187\)](https://diocesevaladares.com.br/mensagem-para-o-dia-mundial-dos-pobres/#:~:text=Segundo%20a%20mensagem%20do%20Papa,sociedade%E2%80%9D%20(EG%20187).). Acesso em 29 de outubro de 2022.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html). Acesso em: 27 de outubro de 2022.

FERRARO, Benedito. O fascínio da Encarnação. **Vida Pastoral**. Publicado em número 214, p. 2-5, 2000. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/categoria/ano/2000/?submit=view>. Acesso em: 19 dez. 2023.

KASPER, Walter. **Papa Francisco: a revolução da misericórdia e do amor**. Prior Velho: Paulinas, 2015.

VELASCO, Rufino. **A Igreja de Jesus: processo histórico da consciência eclesial**. Petrópolis: Vozes, 1996.